



Trabalhos Científicos

Título: Incidência Paraibana Das Malformações Musculoesqueléticas Comparada A Incidências Mundiais

Autores: MARIA HELENA ALVES DA SILVA (UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA), JOÃO VICTOR BEZERRA RAMOS (UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA), THIANNE MARIA MEDEIROS ARAÚJO DE SOUSA (INSTITUTO CÂNDIDA VARGAS), LUCAS EMMANUEL FREITAS MENDES (UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA), JÚLIA DE MELO NUNES (UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA), RAQUEL BARBOSA DE MENEZES (UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA), RÍLARE SILVA VIEIRA (UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA), ANA QUEZIA BEZERRA DE HOLANDA SOUSA (UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA), CLAUDIO TEIXEIRA REGIS (COMPLEXO DE PEDIATRIA ARLINDA MARQUES), JULIANA SOUSA SOARES DE ARAUJO (UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA)

Resumo: Introdução: As malformações musculoesqueléticas por possuírem aspectos morfológicos mais visíveis são anomalias de diagnóstico menos complexo. No entanto, a carência de mecanismos de triagem pode contribuir para que elas sejam subdiagnosticadas. Objetivo: Expor a incidência de malformações musculoesqueléticas no estado da Paraíba entre 2018 e 2019 e comparar com incidências continentais. Métodos: Trata-se de um estudo observacional, transversal e retrospectivo. Os dados paraibanos foram coletados a partir do registro de nascidos vivos de uma maternidade de referência do estado e os dados continentais foram obtidos na literatura. A comparação da incidência local com as incidências continentais foi feita a partir do teste T. Resultados: Entre 2018 e 2019, foi obtido um número de 11.815 nascidos vivos, dos quais 476 (4%) apresentavam registro de alguma malformação. Dentro desse grupo, as malformações musculoesqueléticas foram 114, o que corresponde a 15% de todas as malformações e 9,6 por 1000 nascidos vivos. As mais registradas foram: polidactilia com 47 casos, pé torto congênito unilateral ou bilateral com 33 casos, sindactilia com 11 casos e micrognatia com 4 casos, correspondendo em porcentagem relativa às malformações musculoesqueléticas: 41,2%, 28,9%, 9,6%, e 3,5%, respectivamente. A incidência local por 1000 nascidos vivos está acima dos dados do continente americano (4,4), europeu (3,7 a 3,8), africano (1,3) e asiático (2,3). No entanto, está abaixo do registrado na Oceania (10,9 a 11,6). Conclusão: A alta incidência local dessas malformações quando comparada a maior parte dos continentes pode ser justificada não só pelas suas manifestações visíveis e morfológicas, mas sobretudo pela utilização de métodos de triagem realizados após a implementação da Rede Cuidar de telemedicina que atua, através da realização de exames de imagem desde o período gestacional, na detecção precoce dessas malformações.